



Relatório sobre o P.I. Guaporé

A Visita

O P.I. Guaporé foi visitado durante o período de 29 de abril a 2 de julho de 1988, por mim e uma assistente de pesquisa, Alzerinda de Oliveira Braga, uma estudante mestranda em Linguística na UNICAMP. O plano da visita era pesquisar duas das oito línguas indígenas faladas no posto para iniciar descrições científicas das suas fonologias. Fitas de documentação linguística das oito línguas foram planejadas, uma vez que nenhuma das línguas era conhecida cientificamente.

As tarefas linguísticas exigiram muito tempo, e não foi possível coletar todos os dados desejados nem sobre as várias culturas representadas no posto nem sobre as condições atuais da população lá. Há três ou mais agrupamentos de casas fora do posto e não sobrou o tempo necessário para visitá-los, para fazer um levantamento.

O P.I. Guaporé é acessível por via fluvial ou por via aérea. Chegamos de voadeira, com bastante peso, depois de uma viagem de aproximadamente 9 horas. O barco foi alugado de um homem chamado Ida em Guajarã-Mirim; o piloto se chamava Euroca.

A População

Segundo as pessoas da FUNAI, a população total dos índios servidos pelo P.I. Guaporé é de aproximadamente 300 pessoas. As três aldeias na beira do rio fora do posto, Faia das Onças, Faia Rica, e Baía do Coco, são acessíveis a pé somente durante o período mais seco do Rio Guaporé. Fora deste período é possível chegar nelas por canoa após mais ou menos duas horas remando. Cada uma dessas aldeias contém talvez meia dúzia de famílias. A maior parte dos seus habitantes mantém casas no posto também. Alguns índios afirmam que se deslocam para fazer roças e para caçar

DONOS DE CASA- P.I. GUAPORÉ-- julho de 1988- levantamento rápido

- A1 Alcide Macurap, Margarida Macurap
- A2 Chati Macurap, Isaura Macurap
- A3 Seu João Aruá
- A4 Luiz Aruá/Lauro Macurap
- A5 Pedro Macurap
- A6 Alindo Macurap

- B1 Adílson Macurap, Shiratê Tupari
- B2 Paulo Chepe Aruá, Juraci Macurap
- B3 Walter, Carlitos, Zezinho Macurap
- B4 Otaviano Mekens, Maria Macurap
- B5 ??

- C1 Vital Jaboti, Valda Macurap
- C2 Durafogo Ayuru, Esperança Ayuru

- D1 João Massacá, Azilma Ayuru
- D2 Construção
- D3 Alberto Ayuru, Iracema Macurap
- D4 Piroroca Ayuru, Marina Jaboti
- D5 Fernando (não-índio), Rosalina Aruá
- D6 Raimundo Jaboti, Nazaré Aricapu
- D7 Construção
- D8 Etô Jaboti, Maria Ayuru

- E1 Alberto Jaboti, Maria Rita Jaboti
- E2 Abino Ayuru, Lúcia Tupari
- E3 Manuel Canoê da Silva
- E4 Francisco Canoê, Isabel Jaboti
- E5 Saturnino Jaboti, Arlinda Canoê
- E6 Alonzo Jaboti, Maria Jaboti

- F1 Geraldo Cujubim, Conceição Canoê
- F2 Silva Canoê, Alzira Tupari
- F3 Gabriel Canoê
- F4 Gracilda Canoê, Jesuses Jaboti
- F5 Lino Cujubim, Vanede Canoê

font:

Antônio Ayuru, Anita Ayuru
Conceição Canoê

sejam melhores fora do posto e que haja menos problema de roubo.

No mês de junho de 1988, havia 31 casas habitadas por índios no posto. Mais duas estavam sendo construídas e duas outras (do Sebastião Canoê e do Antônio Ayuru) se achavam fora do posto. Uma vez que não foi possível realizar um levantamento completo, sô os donos são alistados abaixo. O posto se divide em duas metades, com as casas da FUNAI no meio. No lado rio abaixo há duas linhas de casas, aqui designadas A e B. No lado rio acima do posto há quatro linhas de casas, C, D, E, e F. Notar que os Makurap e os Aruã predominam no primeiro lado e os Canoê, Jaboti, e Ayuru no outro lado.

História

No tempo do SPI várias tribos da região mais para cima no Rio Guaporê entraram em contato com a sociedade nacional, perdendo a grande maioria da população pela falta absoluta de cuidado médico. Os poucos sobreviventes ou foram com o SPI ou trabalharam nos seringais na região, chegando no P.I. Guaporê (anteriormente chamado Posto Ricardo Franco) mais tarde. Francisco Canoê, hoje com talvez 60-65 anos, afirma ter vivido no posto "desde pequeno". Pedro Makurap disse que está no posto há 15 anos. Outras pessoas são mais recentes.

Como resultado desta história, a população atual é bastante heterogênea: há várias tribos, várias línguas, e vários graus de aculturação.

Situação Atual

Terra: Não foi possível verificar se havia qualquer invasão de terra indígena. A pressão por parte de posseiros é menor nesta área do que nas áreas próximas à BR-364, uma vez que o sistema de estradas ainda é pouco desenvolvido. O problema atual parece ser o contato com Bolivianos que chegam de barco. Estes frequentemente querem envolver os índios em negócios financeiros exploradores. Querem vender mercadoria a preços

altíssimos, vender bebidas alcoólicas ou comprar madeira. O chefe do posto, Osmir Schweppe, toma uma posição firme contra tais atividades, com bons resultados. Claramente é mais difícil controlar contatos feitos pelos índios que moram nas aldeias fora do posto.

Nos mapas recentes há linhas indicando a construção futura de uma estrada passando perto da reserva indígena. Seria importante não deixar estradas secundárias entrarem na reserva, uma vez que isto é desnecessário e complicaria enormemente a tarefa de fiscalizar os contatos com os não-índios.

Saúde: O enfermeiro do P.I. Guaporé, Francisco, é excelente: bem formado e responsável. Ele mantém uma enfermaria relativamente bem equipada. Fiquei no lugar dele no mês de junho. Naquele mês houve três casos sérios de malária (todos resistentes a Aralen), e várias infecções pequenas. As infecções do interior da orelha após gripe são facilmente curadas com antibióticos, como a penicilina. Há alguns casos de tuberculose. Irinil Jaboti foi evacuado para tratamento de TB em julho de 1988, e Adilson Makurap deve ser evacuado também por causa desta doença. Devido ao tamanho da população e à presença de malária, TB e outras doenças, é essencial manter um nível bom de atendimento médico.

Economia: A base de subsistência da população indígena é as roças e a pesca e caça. Há gado do posto que é vendido de vez em quando. Não se sabe como são distribuídos os lucros. Algumas pessoas cortam seringa, outras vendem farinha. Há castanha que podia ser comercializada; mas dizem que o acesso ao castanhal é por um igarapé de difícil navegação.

Não houve tempo para investigar profundamente a economia do posto, mas é claramente aquém do seu potencial. Várias pessoas, principalmente as mais aculturadas, mostram pouco interesse em caçar, plantar roça, ou trabalhar por dinheiro. De fato, o P.I. Guaporé tem como vantagens transporte barato por barco, um nível de educação razoável, recursos do rio e da beira do rio, e uma boa parcela de terra.

Dois possibilidades óbvias são estimular e apoiar o corte de seringa e a coleta de castanha. Em várias regiões do Brasil a várzea oferece condições ótimas para agricultura e cria-

ção de peixes. Vale a pena avaliar estas possibilidades na fronteira ribeirinha da reserva. Há uma área grande de campo no posto que pode ser apropriada para arboriculturas como fruteiras, cajueiros, castanheiros enxertados (são crescem até 8m., produzem depois de 3 anos), ou urucu. O mato fechado pode ser bom para cacau.

Qualquer que seja um programa de desenvolvimento econômico é importante que seja bem pensado, variado, e implementado pouco a pouco com muita supervisão e continuidade. É essencial evitar regimentação ou um sistema de "caciques". Ao invés disto, cada família deve fazer o seu próprio projeto, com direitos exclusivos sobre o produto. As informações e recursos devem ser acessíveis a cada família para evitar uma situação na qual só algumas pessoas entendam a tecnologia, o uso das máquinas, etc., e explorem as outras. Alguém de cada família também deve receber treinamento em matemática para cuidar de seu dinheiro. Deve ser uma contabilidade pública para eliminar suspeitas de desvio de dinheiro. O dinheiro do posto deve ser separado do dinheiro dos índios.

Política: Há um pouquinho de hostilidade entre os dois lados do P.I. Guaporé. O lado dos Makurap e Aruá é mais tradicional, com menos evidências de desintegração social. O outro lado, o dos Canoê, Jaboti, e Ayuru tem mais pessoas fora de qualquer tradição indígena e mais problemas sociais. Da população "Canoê" só Francisco Canoê fala a língua indígena. Os outros, muitos dos quais são filhos de não-índios, conservam pouca cultura indígena.

No lado dos Makurap-Aruá, Odete Aruá, filho do seu João Aruá e uma mulher Makurap, é reconhecido como "cacique". No outro lado é talvez os Canoê que fazem mais movimento político. Um jovem Makurap, Aguinaldo, tentou se estabelecer como "cacique" do posto inteiro, firmando laços com os Canoê. Havia conversas às vezes a favor da idéia de mandar o chefe do posto, Osmir Schweppe, embora e colocar um índio (provavelmente Aguinaldo) no lugar dele. Ninguém tinha queixas claras sobre o chefe do posto -- de fato o atendimento médico e a educação eram excelentes em relação a qualquer outro posto em Rondônia e todo o equipamento do posto funcionava bem. O objetivo verdadeiro provavelmente era abrir o posto para intercâmbio desfiscalizado com os bôlvivia-

nos, o que traria o álcool, exploração econômica, etc.

Mais oportunidade econômica seria uma maneira da FUNAI aumentar a sua popularidade. Seriam úteis também reuniões periódicas para cada adulto ter a sua vez de apresentar suas opiniões e idéias. Um conselho deste tipo seria melhor que apontar "caciques", uma prática anti-democrática que promove a exploração interna.

Cultura: Alguns dos índios velhos (mas não todos) se lembram bem da cultura indígena. Os Tuparí se lembram da visita do etnólogo suíço, Franz Caspar (1953), e ficaram tristes quando souberam que ele morreu jovem.

Muitos dos jovens falam só português devido em parte ao intercassamento entre as tribos. Por exemplo, um marido Jaboti e uma esposa Ayuru provavelmente se comunicariam em português e os filhos aprenderiam só esta língua. Existe, todavia, uma certa preocupação com a perda de cultura e um desejo de gravar músicas, mitos, e história oral para manter conhecimento tradicional. Os Canoê não têm esta preocupação: há um grande aparelho de som estereofônico na casa do Francisco Canoê que toca forró para festas dançantes no estilo nacional algumas noites por semana.

A religião indígena persiste forte, uma vez que o posto nunca foi objeto de missionarização. O "Seu João" Aruá chama espíritos no escuro, numa tradição que parece ser mais Makurap que Aruá. Os pajés do outro lado (Ayuru e Jaboti) inspiram pelo nariz um pó alucinógeno. Amostras levadas para o Museu Goeldi indicam que o pó é composto de três ingredientes: (1) anjico (*Anadenanthera peregrina*), (2) tabaco, e (3) a cinza da casca de um certo espinheiro (*Acacia polyphylla*). O efeito dura talvez meia hora. Usa-se este pó somente na pajelança. O uso não é frequente e não resulta em efeitos maus aos indivíduos ou à sociedade.

Muita interação social hoje em dia é através de festinhas de chicha. às vezes há brigas ou desentendimentos nestas festinhas.

Educação: O sistema de educação está claramente conseguindo resultados -- muitos jovens sabem ler e escrever em português. Não se têm informações detalhadas sobre como funciona.

Duas professoras davam aulas de dia e de noite. A professora Lígia Braz Bezerra era bastante profissional. A coordenadora de educação, Alexandrina, deu pessoalmente uma palestra sobre a importância de manter a cultura indígena. (Todavia, logo depois houve uma festa pelo "Dia das Mães"). Uma possibilidade, já experimentada no Canadá, seria algumas aulas serem dadas pelos velhos de cada tribo sobre tópicos da cultura indígena como, por exemplo, o conhecimento tradicional das plantas e animais do mato, guerras e outros acontecimentos do passado, a filosofia de uma boa vida tradicional, comportamento correto, etc.

Sugestões Práticas

Basicamente, muitos aspectos da situação são positivos e devem ser mantidos: o bom atendimento médico, a escola, e o controle de contatos com os não-índios, principalmente bolivianos no rio. Atualmente a contribuição mais importante seria medidas bem pensadas para aumentar as oportunidades econômicas na reserva. Também seria interessante experimentar com um conselho indígena para ter participação dos índios nas decisões do posto sem um sistema anti-democrático de "caciques". Seria importante evitar a aproximação de qualquer estrada à reserva, uma vez que o posto já tem transporte adequado e os exemplos atuais de estradas em Rondônia mostram que elas só trazem problemas de invasão de terra, extração de recursos naturais, etc.

Pesquisas Científicas

Os dados obtidos ainda estão sendo analisados. Os resultados serão publicados só depois de uma revisita. Na base dos dados preliminares o quadro de fonemas superficiais da língua Ayuru parece ser o seguinte:

p	t	č	k	k ^w	i	i
mb	nd	n̄j	ŋg	ŋk ^w		o
			g	g ^w	e	
						a
					v̄	- nasalização
					v:	- prolongamento
β						
r	y					

Não há contraste entre as consoantes prenasalizadas e as nasais (m, n, n̄, ŋ, e ŋ^w), estas últimas sendo os alofones em frente de vogais nasais. A nasalidade se espalha nas duas direções não completamente entendidas, resultando frequentemente em algumas sílabas nasais em seguida, e.g. n̄iŋ^wanã 'amarrar'.

O tom, acento, e ritmo são proeminentes na língua, sem serem contrastivos. Ao menos ao nível de fonemas superficiais existe um contraste entre vogais curtas e prolongadas. O tom de uma sílaba é igual ou mais baixo que o tom da sílaba que precede. Por causa disto, parece que todos os contrastes foram eliminados. As condições exatas para a queda do tom não são determinadas ainda -- possivelmente é uma função da consoante inicial da sílaba ou de fronteiras morfológicas.

Os verbos, como é comum em várias línguas Tupi-Guarani, são de três tipos: estativos, intransitivos, e transitivos. Existem singulares e plurais, como na família Mondé, e.g. tera 'ir, singular', ora 'ir, plural'. Muitos verbos são derivados, e.g. paβa 'seco', paβa-ka 'secar'.

Nas frases transitivas a ordem é objeto-verbo, com o sujeito antes ou depois, frequentemente com algumas partículas de tempo e aspecto. É possível (como na língua Cavião de Rondônia) ter mais do que uma locução verbal.

O quadro de fonemas superficiais da língua Makurap é semelhante ao da Ayuru, mas em Makurap há contrastes de tom também.

Fitas de documentação de sete línguas foram gravadas:

Ayuru, Tupari, Makurap, Mekens, Jaboti, Aricapu, e Aruá. O único falante de Canoê, Francisco Canoê, foi evacuado durante o tempo no qual se fizeram as gravações e não há dados desta língua. Em anexo está uma transcrição de uma parte das palavras gravadas em seis línguas. As gravações de Aruá têm alguns problemas e não foram incluídas.

Aruá é um dialeto da língua Gavião-Zoró-Cinta Lar ga-Aruá. Todos estes dialetos são mutuamente inteligíveis. Os Aruá devem estar na área cultural do Guaporé ao menos há 100 anos e provavelmente mais uma vez que a cultura e a língua têm algumas influências dos Makurap. Os seres originais míticos, os Gorá, são os mesmos da cosmologia dos Gavião e Zoró. Mas, entre os Aruá eles têm nomes pessoais e também uma irmã.

A descoberta de falantes de línguas não descritas é um resultado da pesquisa no sul de Rondônia. Segundo Zé Carlos da FUNAI, há duas falantes da língua Puruborá em Guajarã - Mirim. Segundo os Canoê do P.I. Guaporé, há duas Canoê também em Guajarã-Mirim: Maria Lúcia Canoê e Maria Canoê, ambas empregadas e viúvas. Não se sabe se falam a língua indígena. Segundo os Pakaa Nova do P.I. Sagarana há um casal naquele posto composto de um homem Canoê e uma mulher Cujubim. Segundo eles a língua Cujubim é parecida com a língua Pakaa Nova, mas não é mutuamente inteligível. Possivelmente se trata de uma língua irmã da língua Pakaa Nova. Há boatos de Cujubim sem contato.

As informações sobre estas línguas do sul de Rondônia foram divulgadas informalmente aos linguistas do país para facilitar estudos de campo, os quais são urgentes devido ao número reduzido de falantes e o perigo de extinção das línguas. Alguns estudantes já se interessaram pela área e estudos da língua Jaboti e Canoê já são planejados.